

A INTERTEXTUALIDADE NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E PARADIGMÁTICAS: POR UMA UTILIZAÇÃO DO LEGADO SAUSSURIANO

Graziela Frainer Knoll *

Resumo

O artigo propõe-se a fazer uma reflexão acerca dos conceitos saussurianos de sintagma e paradigma fazendo uma relação com a intertextualidade. Para tanto, são referidos, além de Saussure, Bakhtin e Kristeva sobre, respectivamente, dialogismo e intertextualidade. Antecipando a conclusão deste trabalho, obtém-se que as relações intertextuais são relações paradigmáticas.

* Universidade Federal de Santa Maria, Mestra em Letras, Estudos Linguísticos.

Palavras-chave: intertextualidade, sintagma, paradigma.

Desde a publicação do *Curso de Linguística Geral*, no princípio do século passado, e da sua subsequente difusão pelo mundo ocidental, Saussure tem sido constantemente referido e consultado. Entretanto, com frequência, as referências que são feitas a Saussure restringem-se a uma questão de olhar ao passado e contextualizar a ciência da linguagem, e, cada vez menos, visam ao aporte teórico de trabalhos atuais.

Em vista disso, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a intertextualidade, tema de trabalhos contemporâneos, no contexto das relações sintagmáticas e paradigmáticas, portanto, com uma fundamentação que parte de conceitos saussurianos basilares.

Define-se, previamente, a intertextualidade como um fenômeno que se manifesta nas mais diversas práticas discursivas contemporâneas e, conforme será visto neste artigo, especialmente, na publicidade. Assim, do mesmo modo que se demonstra a relevância do legado saussuriano para uma questão corrente de linguagem, verifica-se o caráter das relações intertextuais como recurso linguístico.

Saussure: da publicação do *Curso* às relações na língua

O *Curso (Cours de Linguistique Generale)* foi publicado originalmente em 1916, a partir das aulas de Ferdinand de Saussure,

reunindo notas de sete ou oito acadêmicos da Universidade de Genebra, inclusive seus organizadores, Bally, Sechehaye e Riedlinger. Sendo assim, a obra fundadora da linguística moderna é atribuída a Saussure, mas não escrita pelo próprio, já que seus ensinamentos são, conforme define Salum (1982, p. XVI) no prefácio à edição brasileira do livro, recebidos de “segunda mão”.

É inegável, contudo, que mesmo que não fora realmente escrita pelo mestre, a obra foi responsável por erguer os pilares necessários ao estabelecimento da Linguística como ciência e, traduzida para diversos idiomas, contribuiu para sua divulgação e disciplinarização. Aliás, a respeito da valorosa contribuição saussuriana aos estudos da linguagem, afirma Benveniste (1991, p. 41) que “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo”.

Dentre os conceitos basilares propostos no *Curso*, convém mencionar a linguagem, definida como multiforme e heteróclita, constituída por duas partes dicotômicas, a língua (*langue*) e a fala (*parole*); o signo linguístico como união de um significado e um significante; o conceito de valor linguístico (a máxima de que “na língua não há senão diferenças”); a sincronia e a diacronia; além das relações sintagmáticas e paradigmáticas, que estão no foco do presente trabalho.

Sobre a obra de Saussure, Dosse (1999, p. 65) afirma: “O essencial da demonstração consiste em fundamentar o





arbitrário do signo, em mostrar que a língua é um sistema de valores constituído não por conteúdos ou produtos de uma vivência, mas por diferenças puras”.

Em se tratando de um pensamento repleto de dicotomias, percebe-se que um conceito encontra-se atrelado a outro. Desse modo, antes de entrar na questão do sintagma e do paradigma, faz-se necessário compreender o caráter da linearidade, que, juntamente com a arbitrariedade, consistem nas duas características primordiais do signo linguístico.

Para Saussure, o significado se une a um significante por um laço arbitrário, ou seja, o signo linguístico é arbitrário, e o significante é imotivado (SAUSSURE, 1982, p. 81). Isso não significa que o indivíduo falante tenha o poder de deslocar a relação entre um significante e um significado conforme queira, pois a língua é instituição social fixada por convenção. Além disso, Saussure também levanta casos que polemizam tal caráter, como as onomatopéias, considerando, assim, que há signos completamente arbitrários e relativamente arbitrários.

Quanto à linearidade do significante, explica-se que, na língua, os elementos se apresentam um após o outro porque, sendo de natureza auditiva, o significante se desenvolve no tempo, adquirindo as características do mesmo: “a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 1982, p. 84).

Em decorrência da linearidade do significante, considera-se impossível que dois ou mais elementos ocorram concomitantemente no enunciado ou na cadeia da fala. A língua se constitui como sistema de relações. Essa é, aliás, uma característica do pensamento estruturalista, segundo o qual “cada elemento da língua só adquire um valor na medida em que se relaciona com o todo de que faz parte” (ORLANDI, 1999, p. 25), de modo que o signo se define por uma rede de relações no sistema da língua.

As relações em questão se dispõem em dois sentidos ou dois eixos, a saber: o eixo de seleção e o eixo de combinação.

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas

distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua (SAUSSURE, 1982, p. 142).

As relações sintagmáticas consistem na combinação de duas ou mais unidades significantes (lembrando que, para Saussure, a menor unidade significante é o morfema). Por isso, afirma-se que as relações sintagmáticas baseiam-se no caráter linear da língua: diante da impossibilidade de um elemento manifestar-se simultaneamente a outro em um enunciado ou em uma cadeia de fala, tais elementos alinham-se e combinam-se consecutivamente. Nas palavras de Saussure (1982, p. 142), “colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos”.

Se há um sintagma, e entende-se o sintagma como a combinação de dois ou mais elementos linguísticos, admite-se que há, antes, uma seleção dos elementos que constituirão esse sintagma. Nesse eixo de seleção, encontram-se os elementos disponíveis no sistema da língua, mas que não se manifestam efetivamente no enunciado. Os elementos que têm algo em comum se associam na memória do indivíduo falante, constituindo, dessa forma, as relações associativas.

As relações a que Saussure denominou associativas foram, posteriormente, chamadas de relações paradigmáticas, e, tanto o conceito de paradigma, quanto o de sintagma, aprimorados e tornados mais precisos por outros linguistas.

Como Ducrot e Todorov (1982, p. 135) afirmam: “Não há nenhum enunciado, numa língua, que não se apresente como a associação de várias unidades (sucessivas e simultâneas), unidades que são susceptíveis de aparecer também noutros enunciados”. Estabelecem-se, portanto, duas condições para a formação de um sintagma: primeiro, que duas ou mais unidades figurem no mesmo enunciado; segundo, que se conheça a natureza da relação sintagmática que as une.



Os autores estabelecem que só existirá uma relação sintagmática se for possível reconhecer uma “regra geral” que determine as condições do aparecimento desse sintagma nos demais enunciados da língua. Ducrot e Todorov (1984, p. 136) explicam o que seria essa regra geral recorrendo a uma exemplificação utilizada por Saussure: o verbo “desfazer” somente pode ser considerado um sintagma (combinação entre “des” e “fazer”) se forem reconhecidas as relações sintagmáticas entre outros verbos, como “descolar” e “desvendar”. Estabelece-se, assim, uma regra geral que faz de todos esses verbos um tipo sintagmático e segundo a qual todo verbo contendo o prefixo “des”, e em que o prefixo “des” desempenhe a mesma função semântica, integrará o mesmo tipo sintagmático.

Cabe aqui destacar que, segundo Saussure, um sintagma forma-se a partir das relações entre os signos, entendendo-se como signo toda unidade dotada de significado e significante. Já para Jakobson (2007, p. 37-38), por exemplo, que considera que a menor unidade significativa não é o morfema, mas o fonema, existem relações sintagmáticas de nível inferior.

A concepção saussuriana de sintagma é muito relacionada ao aspecto semântico, o que pode ser visto no exemplo citado anteriormente dos verbos com o prefixo “des”. Assim, integram o mesmo tipo sintagmático os verbos “desfazer”, “descolar”, “desvendar”, mas não o verbo “desmanchar”, que, tendo seu prefixo outra função que não seja a de negar ou opor-se ao sentido do verbo “manchar”, compõe outro tipo sintagmático diferente.

Outra divergência entre a concepção saussuriana e a de outros linguistas é o caráter linear do significante. Novamente, para Jakobson (2007, p. 40), a linearidade não é um princípio absoluto. Ao considerar o fonema como a menor unidade significativa e identificar traços distintivos do som, Jakobson questiona essa linearidade. Por exemplo, a sentença “uma mão” uma vez proferida e percebida como “um mamão” trata-se de um caso em que se pode considerar um significante (“uma mão”) suscitando outro significante (“um mamão”) concomitantemente.

Se para Saussure os elementos combinam-se e ordenam-se em uma extensão, e essa extensão é uma linha, os elementos que seriam coexistentes (como múltiplos traços semânticos de uma palavra ou fonéticos) são desprezados ou, no mínimo, não integram o sintagma.

Diferentemente das relações sintagmáticas, as associativas ou paradigmáticas não se fundamentam no caráter da linearidade e ocorrem fora dos limites do enunciado.

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. [...] Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo (SAUSSURE, 1982, p. 143).

As relações paradigmáticas correspondem às relações entre os elementos que se encontram no sistema linguístico, portanto, em ausência (*in absentia*), enquanto que as sintagmáticas ocorrem em presença (*in presentia*). Tais elementos se associam uns aos outros por aspectos semânticos ou por uma associação de ideias.

Verificando ambas as relações em “Deus é brasileiro”, identifica-se uma relação sintagmática entre as três palavras da oração (além de sintagmas em níveis inferiores, como em “brasileiro”, união de um radical com um sufixo). A partir da mesma oração, “Deus é brasileiro”, é possível identificar relações paradigmáticas entre “brasileiro” e “argentino”, “russo”, “americano”, unidades que poderiam figurar no enunciado no mesmo lugar de “brasileiro”, ou seja, relações entre elementos que não se encontram no interior da oração, mas que a ela se associam por uma questão semântica ou de associação de ideias.

Paradigmas são, portanto, os grupos associativos de que fala Saussure. Pietroforte (2004, p. 90) esquematiza pertinentemente as relações sintagmáticas e paradigmáticas, conforme pode-se visualizar nos eixos abaixo (Figura 1):

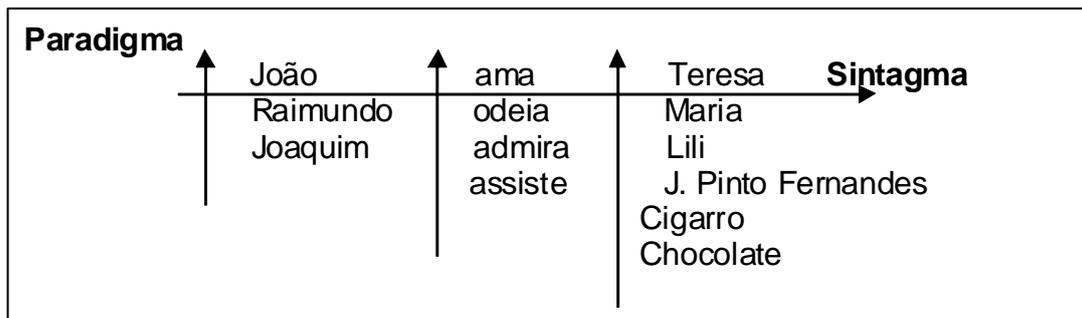


Figura 1: Eixos de combinação e seleção

Entretanto, falar em associação de ideias é algo demasiadamente amplo ou vago, de modo que linguistas posteriores a Saussure preocuparam-se em elaborar definições ou critérios mais precisos que esse, optando por um princípio relacionado ao papel desempenhado pelas unidades constituintes do paradigma no interior da língua.

Conforme Ducrot e Todorov (1984, p. 137), “no sentido lato, chama-se paradigma a qualquer classe de elementos linguísticos, seja qual for o princípio que leve à reunião dessas unidades”. Dessa forma, estabelece-se que duas unidades constituem um paradigma se, e somente se, puderem substituir uma à outra no mesmo sintagma, subordinando-se o paradigma ao sintagma, o que representa outro ponto de divergências entre vários linguistas.

Segundo Jakobson (2007, p. 55-62), as relações sintagmáticas têm um valor independente do sintagma. Logo, há dois mecanismos independentes no uso da linguagem: a comparação com unidades semelhantes (pertencentes ao mesmo paradigma), e o estabelecimento de uma relação com unidades coexistentes (constituintes de um sintagma). Jakobson expõe que esses mecanismos servem de base para as figuras de linguagem metáfora e metonímia, chegando a tratar as relações sintagmáticas como metonímicas (um objeto é designado pelo nome de um objeto a ele associado na experiência), e paradigmáticas como metafóricas (um objeto é designado por um nome de outro objeto semelhante).

A partir da apreensão desses conceitos, passa-se à reflexão sobre o lugar da intertextualidade, sumariamente definida como diálogo entre textos, no conjunto dessas relações entre os elementos da língua.

A intertextualidade como relação paradigmática

Para se pensar em intertextualidade como diálogo entre textos, é de extrema relevância que se estabeleça antes o conceito de texto de que se parte, que pode ser compreendido de maneiras distintas por diferentes correntes teóricas. Esclarece-se que a perspectiva adotada neste artigo é semelhante à de Faraco e Castro (2000, p. 181), que o definem como “manifestação viva da linguagem”. Ou ainda, à de Orlandi (1996, p.21), que define o texto como objeto empírico, produto de um processo de interação e, portanto, distinto de discurso.

Com base nisso, refere-se ao texto como materialidade discursiva, seja de natureza linguística, seja imagética. Essa definição é equivalente à adotada por Fiorin (2006, p. 178), que, fundamentando-se em Bakhtin, afirma que o texto é a unidade da manifestação: “manifesta o pensamento, a emoção, o sentido, o significado”, é categoria existente em todas as semióticas, não só na linguística.

A intertextualidade é a característica de todo texto que se configura como um “mosaico de citações”, no qual outros textos se inscrevem, e essa definição é proveniente do trabalho de Julia Kristeva (1974), que, ao tecer considerações sobre o dialogismo bakhtiniano introduziu o termo.

O conceito de intertextualidade suscita o conceito de dialogismo, fundamental no pensamento bakhtiniano, princípio constitutivo da linguagem do qual se derivam, em síntese, duas noções: o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre textos.

Deve-se considerar, obviamente, que Saussure e Bakhtin correspondem a escolas teóricas bastante distintas entre si. O primeiro



é responsável não só pela cientificidade da Linguística, como também pela origem do estruturalismo no Ocidente. Ainda que o Curso não mencione o termo estrutura, mas sistema, Saussure foi de suma importância para essa escola: “o objeto específico da pesquisa linguística teria que ser a ‘regra do jogo’, isto é, o sistema, e não as mensagens a que ele serve de suporte” (ILARI, 2004, p. 58).

O Círculo de Bakhtin, refletindo sobre a “verdadeira substância da língua” fundou a crítica ao objetivismo abstrato de Saussure. Com isso, buscou-se mostrar que o verdadeiro núcleo da realidade linguística não está na língua como sistema fechado e imutável, mas no processo social da interação verbal. No contexto do Materialismo Histórico, a enunciação proveniente do processo de interação verbal é considerada como a realidade da linguagem e o objeto da Linguística.

As críticas ao que Voloshínov (2009), integrante do círculo bakhtiniano, denominou objetivismo abstrato residem no fato de tal orientação teórica:

- Compreender a língua como sistema abstrato, fechado e imutável, um conjunto de formas e normas lingüísticas idênticas para todos os falantes de uma comunidade lingüística;
- Não estabelecer vínculo entre a palavra e seu sentido, ignorando, assim, qualquer conteúdo ideológico nas ligações lingüísticas;
- Considerar o caráter individual da fala, de modo que a mudança linguística ocorreria ao longo da história a partir de atos individuais de fala que fogem às normas;
- Reduzir os participantes da comunicação verbal a um locutor (ativo) e um ouvinte (passivo).

Ao compreender a língua como sistema fechado, em que as únicas ligações possíveis são as dos signos entre si, a lingüística tradicional separa a língua de seu conteúdo ideológico, ignorando o vínculo entre signos e contexto histórico na busca por tratar

a linguagem com rigor e objetividade científicos.

Entretanto, apesar de ser problemático aproximar dois pensamentos tão distintos como o saussuriano e o bakhtiniano, o que se busca neste trabalho não é estabelecer uma relação propriamente dita entre ambas as orientações teóricas, mas pensar na intertextualidade tendo como ponto de partida o conceito específico das relações sintagmáticas e associativas de Saussure.

Para Bakhtin (1992), o dialogismo é propriedade fundamental da linguagem (seja como língua, seja como discurso), é o princípio fundador dos discursos e dos sujeitos. Há uma dialogização interna da linguagem, em que o discurso é atravessado pelo discurso do outro. O dialogismo pode, então, ser compreendido de dois modos: como diálogo entre discursos (interdiscursividade e intertextualidade) e como diálogo entre sujeitos (que se constituem no discurso) ¹.

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 2005, p. 94-95).

Observa-se, em primeiro lugar, que termos como intertextualidade, polifonia e interdiscursividade fundamentam-se em Bakhtin, ainda que o autor nunca tenha usado a palavra “intertextualidade”. O termo propagou-se pelo Ocidente a partir das

¹ Isso não significa que haja dois dialogismos ou duas formas de dialogismo: dialogismo é sempre entre discursos, e entre interlocutores a partir do momento em que esses se tornam tecido discursivo, ou seja, se constituem no discurso. Logo, “O dialogismo é sempre entre discursos. O interlocutor só existe enquanto discurso” (FIORIN, 2006, p. 166).

² Julia Kristeva tornou-se, a partir dos anos 60, grande divulgadora das idéias de Bakhtin no Ocidente.





publicações de Kristeva (1974)² que, tecendo considerações a respeito do dialogismo, definiu o texto como um mosaico de citações resultante da inscrição de textos anteriores. Portanto, o termo acaba aparecendo nas publicações brasileiras de Bakhtin por uma questão de tradução.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 9): “todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe”. Assim, o texto é como um intertexto que se relaciona dialogicamente com textos anteriores e posteriores.

A intertextualidade pode ser pensada no contexto das relações sintagmáticas e paradigmáticas a partir do momento em que se delimita o que está dentro de um texto, e o que está fora³. Pensar no que está dentro e no que está fora é pensar no que faz parte efetivamente do enunciado e o que está somente no âmbito do sistema (nesse caso, entendendo-se sistema como possibilidades de escolha), ou seja, no que está *in presentia* e *in absentia*.

O sintagma na definição saussuriana corresponde às combinações entre dois ou mais elementos efetivamente presentes no enunciado. Enquanto que o paradigma, em linguística moderna, é o conjunto de elementos linguísticos que têm entre si uma relação virtual de substitutibilidade, virtual porque não se encontram na mesma cadeia. Isso pode ser melhor compreendido na análise de um texto concreto.

A ilustração seguinte (Figura 2) é uma publicidade impressa de O Boticário, veiculada em uma revista nacional, onde se lê o seguinte enunciado: “Era uma vez uma garota branca como a neve que causava muita inveja não por ter conhecido sete anões. Mas vários morenos de 1,80m”. Na ilustração, tem-se uma mulher branca com os cabelos pretos, que interpela diretamente o leitor pelo olhar. A essa representação feminina é oferecida uma maçã, que está em primeiro plano na imagem. Com a leitura dos signos verbais e imagéticos que compõem o anúncio, constata-se a

intertextualidade pela inscrição de um conto de fada reconhecível no interior do texto, o conto infantil da Branca de Neve.

A publicidade analisada realiza uma citação em que não se mantém o sentido original do conto citado: o conto de fada foi reinterpretado e aparece no referido texto não como uma historinha infantil propriamente, pelo contrário, com uma conotação jovem ou adulta, o que é marcado especificamente pela escolha lexical “vários morenos de 1,80m” em substituição aos anões do conto original.

Além disso, a intertextualidade manifesta-se também na reprodução do estilo composicional próprio dos contos infantis. Isso é constatado no enunciado verbal, principalmente pelo uso da expressão inicial “Era uma vez”. Os termos “branca como a neve” e “sete anões” tornam a intertextualidade com o conto infantil explícita. Pode-se considerar que, tanto a imagem, quanto as palavras realizam o processo de citação, o que se configura na maçã, como signo visual determinante, na modelo representada com a pele branca e os cabelos negros, assim como no enunciado verbal. Identifica-se, portanto, a ocorrência de intertextualidade tanto nos componentes lingüísticos, quanto nos visuais.

O conto da Branca de Neve é texto ausente que se fez presente no anúncio pelos processos intertextuais de citação e estilização, e é nesse ponto que se configura a intertextualidade como relação paradigmática: uma relação virtual entre dois textos, a publicidade impressa e o conto infantil. O anúncio não é um conto, mas remete ao conto à medida que se utilizam os processos intertextuais de construção, a saber, a citação e a estilização mencionadas.

A fim de que se reconheça a intertextualidade como recurso de linguagem, torna-se necessário reconhecer primeiro onde termina um texto e começa outro, ou melhor, quando um texto se inscreve no outro. Se não há, na leitura do anúncio, o conhecimento prévio do conto da Branca de Neve, não se realiza a leitura completa ou devida dos signos que se encontram fora dos limites do anúncio

³ A intertextualidade também se configura nos anagramas de Saussure, uma vez que pela recombinação das letras de uma palavra é possível a leitura de palavras encobertas no texto. Nesse caso, entretanto, é preciso pensar se haveria aí uma relação paradigmática ou sintagmática, pois as palavras descobertas nos anagramas existem *in presentia*, isto é, integram efetivamente o anagrama. No presente artigo, contudo, não abordaremos a questão do intertextual pelos anagramas de Saussure. Restringem-se, no momento, as referências ao Saussure do Curso.



(e a consequente produção de sentidos). Conforme Fiorin (2006, p. 182), há relações intertextuais “quando um texto se relaciona dialogicamente com outro texto já constituído”.

Assim, entende-se hoje, considerando-se as noções de dialogismo e compreensão

responsiva, ambos os conceitos bakhtinianos, que o uso da linguagem movimenta instâncias que exigem e provocam não só a ação do enunciador, mas também do enunciatário. Por essa razão, na publicidade impressa, é frequente o uso de textos verbais e/ou visuais



Figura 2: Intertextualidade na publicidade.

constituintes de dada esfera cultural que sejam facilmente reconhecíveis para os seus leitores, como os populares contos infantis.

Conforme explica Pietroforte (2004, p. 91), “Embora Saussure defina as relações paradigmáticas e sintagmáticas basicamente em termos linguísticos, elas podem ser determinadas em outros sistemas de signos”. Isso significa, então, que “a dicotomia paradigma versus sintagma vale para outras semiologias além da Linguística” (p. 91).

Desse modo, o mesmo que é realizado através das expressões verbais “Era uma vez”, “branca de neve” e “sete anões”, ou seja, a inserção do conto infantil no anúncio, realiza-se também através dos recursos visuais. A imagem da propaganda consiste em uma mulher de pele alva e cabelos negros, caracterizada como a Branca de Neve das histórias infantis, a quem é ofertada uma maçã. A imagem da maçã rompe com a

linearidade do texto, trazendo significações provenientes de outros textos que antecederam o anúncio, a saber, o conto da Branca de Neve.

O anúncio intertextual não é linear, pois há signos verbais e visuais que, concomitantemente, despertam a atenção do leitor e remetem ao conto infantil. A única linearidade possível nesse caso é a própria dos significantes no interior da cadeia verbal e, ainda assim, há os processos de citação e estilização que evocam outro texto. Linearidade rompida, instaura-se a possibilidade de outra leitura, que complementa, contrapõe e/ou reforça sentidos.

Conclusão

Conforme visto anteriormente, as relações entre os elementos linguísticos podem ser sintagmáticas ou associativas



(paradigmáticas). As primeiras correspondem às combinações entre os elementos linguísticos e se baseiam no caráter linear dos significantes. Enquanto que as relações associativas ou paradigmáticas consistem nas relações entre os signos que constituem o sistema, mas não efetivamente o enunciado; ocorrem, portanto, em ausência, enquanto as sintagmáticas ocorrem em presença.

Levando em consideração o que foi explicado anteriormente, que a intertextualidade, através de palavras ou mesmo de imagens, suscita na memória virtual

dos interlocutores outras palavras, imagens, elementos, enfim, outros textos, ela constitui uma relação *in absentia*, pois ecoam no texto vozes externas, textos situados fora da esfera concreta de determinado enunciado, produzindo outros sentidos. Conclui-se, portanto, que a intertextualidade é uma relação de natureza paradigmática: ou ignora-se a relação intertextual, ou faz-se seu reconhecimento, gerando uma quebra na linearidade da leitura. É texto ausente que, por uma relação virtual de linguagem, se faz presente.

INTERTEXTUALITY IN THE CONTEXT OF SYNTAGMATIC AND PARADIGMATIC RELATIONS: FOR THE USE OF SAUSSURE'S LEGACY

ABSTRACT

The article proposes to make a reflection about the Saussurian concepts of syntagm and paradigm making a relationship with intertextuality. For this, besides Saussure, Bakhtin and Kristeva are referred about, respectively, dialogism and intertextuality. Anticipating the conclusion of this work, the intertextual relations are paradigmatic relations.

Keywords: *intertextuality, syntagm, paradigm.*

Artigo submetido para publicação em: 07/05/2010

Aceito em: 03/08/2010

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (1992) **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- BENVENISTE, É. (1988) Saussure após meio século. In: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes/ Editora da UNICAMP. p. 34-49
- BRAIT, B. (2005) Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- DOSSE, F. (1999) **História do estruturalismo**. I. O campo do signo, 1945/1966. Campinas: Editora da UNICAMP.
- DUBOIS, J. (1973) **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. (1982) **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa: Dom Quixote. p. 135-141
- FARACO, C. A.; CASTRO, G. (2000) Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 15, p. 179-194.
- FIORIN, J. L. (2006) Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.
- ILARI, R. (2005) O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 2 ed. São Paulo: Cortez. p. 53-92
- KRISTEVA, J. (1974) **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva.
- MATTOSO CAMARA JR, J. (1980) **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____. (1984) **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes.





ORLANDI, E. P. (1996) **Discurso e leitura**. 3. ed. Campinas, SP: Cortez.

_____. (1999) **O que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense.

PIETROFORTE, A.V. (2004) A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, J.L. (org.)

Introdução à Linguística: objetos teóricos. Vol. I. 3. ed. São Paulo: Contexto.

SAUSSURE, F. de. (1982) **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix.

VOLOSHÍNOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.